

## CORPO E ENVELHECIMENTO FEMININOS: HERANÇA DO PATRIARCADO?<sup>1</sup>

### *FEMALE BODY AND AGING: LEGACY OF THE PATRIARCHY?*

Marcia Regina Medeiros Veiga<sup>2</sup>

Recebido em: 10/02/2011

Aprovado em: 30/08/2011

#### RESUMO

Este artigo busca a contextualização das discussões sobre *corpo, gênero e envelhecimento*, tendo como base as teorias feministas sobre patriarcado em uma intersecção com as categorias *classe social e distinção social*, desenvolvidas, respectivamente, por Marx e Bourdieu. As questões aqui propostas fazem parte de uma pesquisa sobre os significados atribuídos às transformações corporais, saúde e sexualidade de mulheres maduras,<sup>3</sup> cujo objetivo principal é compreender como se dá a construção de uma *feminilidade*<sup>4</sup> na maturidade. A pesquisa têm se desenvolvido a partir da observação em uma academia de ginástica e com entrevistas em profundidade com mulheres que se autodefinem como estando na maturidade. Os dados obtidos até o momento permitem afirmar que o corpo aparece como uma categoria central e como elemento catalizador das tensões entre as dimensões de *saúde e sexualidade*.

**Palavras-chave:** Patriarcado. Corpo. Envelhecimento.

#### ABSTRACT

*The present article searches for the composition of discussions about body, gender and aging, on the basis of feminist theories about patriarchy at an intersection with social class and social distinction categories, developed, respectively, by Marx e Bourdieu. The questions here proposed are part of a research concerning the meanings attributed to body changes, health and sexuality in mature women, whose main objective is to understand how the femininity is built in maturity. The mentioned research has been developed based on observations at a fitness center and with deep interviews of women who define themselves as in maturity. The data obtained up to the moment allow to state that the body appears as an essential category and as an element promoting the tensions between health and sexuality dimensions.*

**Keywords:** Patriarchy. Body. Aging .

<sup>1</sup> Este artigo baseia-se nas discussões realizadas na disciplina de *Gênero e Sexualidade*, ministrada pela Professora Doutora Fátima Cristina Vieira Perurena, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFMS.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de pós-graduação *stricto sensu* em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: marciariveiga@gmail.com

<sup>3</sup> Pesquisa de dissertação de mestrado vinculada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais UFMS, orientada pela Professora Doutora Zulmira Newlands Borges.

<sup>4</sup> A *feminilidade* é aqui compreendida como o conjunto de características e comportamentos culturalmente construídos, associados ao gênero e à sexualidade femininos. Dessa forma, a própria identidade de gênero acaba por associar-se ao "ter feminilidade".

## CORPO E ENVELHECIMENTO – UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Quando o assunto em pauta é o envelhecimento humano, parece-me unânime a constatação de que homens e mulheres envelhecem distintamente. Essas diferenças, entretanto, não se dão meramente no plano biológico ou fisiológico. O envelhecimento feminino difere do masculino por razões relacionadas a questões de gênero, ou seja, “às imagens do feminino e do masculino, historicamente construídas” (SAFFIOTI, 2010, p. 01).

Pude confirmar essa assertiva em minhas pesquisas sobre o envelhecimento feminino, que venho realizando desde minha graduação em Ciências Sociais,<sup>5</sup> tendo prosseguido, em busca de um constante aprofundamento das discussões, agora como aluna do Programa de Pós-Graduação.

A pesquisa que venho realizando tem por objetivo principal entender as representações sociais acerca do envelhecimento feminino a partir da mediação de uma categoria entendida como fundamental na sociedade global contemporânea em que vivemos: o corpo. Ao mesmo tempo, busca a compreensão de como esta categoria é significada e ressignificada pelos sujeitos sociais na construção de uma identidade de gênero.

Para esta compreensão, faz-se necessário um recorte a partir das categorias idade/geração, gênero e classe social. Assim, este estudo vem sendo realizado com mulheres com idade entre os 40 e os 60 anos, frequentadoras de academias de ginástica de Santa Maria.

A delimitação nessa faixa etária se deve ao fato de, nesta fase, a mulher apresentar mudanças corporais significativas, em razão da proximidade com a menopausa,<sup>6</sup>

especificamente com o climatério, período em que cessa a ovulação. A essas transformações físicas são atribuídos significados sociais e culturais extremamente importantes, capazes de orientar discursos e práticas as mais diversas. Os 60 anos, aqui pensados em termos de limitador etário, buscam, de fato, traçar uma linha entre a maturidade e a velhice, já que esta idade é considerada, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como marco para a entrada na condição de idoso.

Dessa forma, utilizo, aqui, a categoria analítica *meia-idade* ou *maturidade* por esta ser bastante aceita, sendo, inclusive, usada pelas próprias entrevistadas nos contextos em que a pesquisa vem se realizando, como observado nos estudos exploratórios.

A prática esportiva em academia de ginástica denota uma preocupação com o corpo, dando pistas também sobre a camada social a ser estudada: a camada média. Além disso, o espaço da academia pode ser visto como um espaço de socialização e de produção de identidades.

As mulheres que se dispuseram a participar desta pesquisa se encontram em uma faixa etária que vai dos 41 aos 64 anos.

Das treze entrevistadas, dez são casadas, duas são solteiras e uma é viúva. Todas as casadas, a viúva e uma das solteiras têm pelo menos um filho, com idades que variam de 15 a 39 anos. Apenas três delas não possuem o curso superior completo, tendo como nível de escolaridade o ensino médio.

Em relação às profissões, seis delas são professoras (três já aposentadas); uma é bancária aposentada; uma é comerciária aposentada; uma é comerciante; uma é profissional de relações públicas; uma é artista

<sup>5</sup> Pesquisa intitulada *Modelos seniores: corpo e envelhecimento – um estudo antropológico*, apresentada à banca em janeiro de 2010, também sob orientação da professora Zulmira Borges.

<sup>6</sup> A própria definição social do que é menopausa é uma construção que deve ser contextualizada historicamente. Vários tabus e condutas especiais culturalmente construídas e difundidas cercam esta fase, bem como todo o ciclo menstrual, que vai da menarca à menopausa (HELMAN, 2003).

plástica e duas delas classificam-se como “do lar” ou donas-de-casa. Todas frequentam a academia, localizada em um clube destinado à camada média-alta, pelo menos três vezes por semana, praticando atividades (gimnástica localizada e musculação) das 09 às 11 horas, aproximadamente. O tempo médio da prática de atividades físicas para essas mulheres pode ser calculado em 16 anos, sendo que a que pratica atividades há mais tempo o faz há 30 anos e a que tem menos tempo de prática, há três anos. Todas elas, sem exceção, declararam terem intensificado as atividades e os cuidados com o corpo com a chegada aos quarenta anos.

As mulheres sentem-se coagidas tanto quanto os homens pela busca de um corpo eternamente jovem, saudável, belo e... feminino. Entretanto, as mulheres parecem ser mais discriminadas quando não se aproximam dessa visão idealizada de juventude. Em outras palavras, a feminilidade, o “ser mulher”, está frequentemente associado à juventude que, por sua vez, é percebida quase como um sinônimo de saúde e beleza.

Esta busca pela juventude é sentida, por algumas dessas mulheres, como um misto de prisão e empoderamento em relação ao seu próprio corpo. Prisão pelo peso coercitivo que representa a necessidade de estarem sempre jovens, dentro de um competitivo mercado em que o corpo é valorado como um capital (GOLDENBERG, 2008; BOURDIEU, 2008). Ao mesmo tempo, a possibilidade de atuarem sobre seus próprios corpos, impedindo que os mesmos feneçam frente à inexorabilidade biológica do envelhecimento, parece representar um verdadeiro domínio sobre si mesmas.

Contrariando algumas teorias, inclusive feministas, Saffioti (2010) mostra-se desfavorável a um suposto embate entre o natural e o cultural, compreendendo o ser humano como uma totalidade bio-psico-social e, por isso mesmo, posicionando-se con-

tra qualquer tipo de essencialismo, seja ele biológico ou social.

Dessa forma, Saffioti (2010, p. 01) propõe uma *ontogênese* do gênero ou, para usar um termo *foucaultiano*, uma *arqueologia* do conceito, isto é, sua descrição desde sua origem até seu desenvolvimento na contemporaneidade, mostrando, sem qualquer constrangimento “o vínculo entre sexo e gênero”. Johnson (1997) aponta nesta mesma direção, argumentando sobre o simplismo e a pouca profundidade das teorias essencialistas que buscam explicar as diferenças entre os sexos/gêneros como naturais.

A ontogênese proposta por Saffioti (2009) analisa as três dimensões humanas: biológica, psicológica e social, compreendendo-as como interdependentes, irreduzíveis umas às outras. Dessa forma, pensar, sentir e agir representam faces de uma mesma unidade: o ser humano.

Embora haja profundas diferenças entre as três esferas ontológicas – a inorgânica, a orgânica e a social – esta última não prescinde das demais, podendo-se, no momento atual, afirmar que nenhuma tem existência própria, autônoma. [...] Na primeira esfera, não há vida e, por conseguinte, não há sequer reprodução. [...] Na segunda, há vida e, portanto, pelo menos, reprodução. [...] Na esfera social a consciência desempenha papel fundamental, permitindo a pré-ideação das atividades e até, pelo menos parcialmente, a previsão de seus resultados. [...] O ser social, dotado de consciência, é responsável pelas transformações da sociedade, permanecendo, entretanto, um ser natural. A sociedade tem, pois, um fundamento biológico. (SAFFIOTI, 2009, p. 07-08.).

Desprezar qualquer das três esferas, alerta-nos a autora, seria correr o risco de cair no essencialismo, quer biológico, quer social. Saffioti (2009) dispensa o termo “relacional” para qualificar o gênero. Segundo ela, todo o movimento social é relacional.

Assim, obviamente, quando se fala em *gênero*, fala-se de *relações de/entre gênero(s)*: homens e mulheres; mulheres e mulheres; homens e homens.

“Acho que as cobranças [em relação aos cuidados com o corpo masculino e feminino] não são as mesmas, porque a sociedade é machista, inclusive as mulheres, que acham que homem com barriga é até *charmoso*”, desabafa uma de minhas informantes, frequentadora de uma academia de ginástica, onde pratica ginástica localizada três vezes por semana.

Parece evidente, então, posicionar os estudos sobre corpo e envelhecimento como sendo, sim, uma questão de gênero. E esta construção – do masculino e do feminino – se dá dentro de um contexto histórico e social. No caso de nossa sociedade, o patriarcado tem grande força neste contexto.

Em relação às representações sociais sobre o corpo, estudos (BOURDIEU, 1983; VICTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000) apontam que o corpo e suas formas são, em variados contextos, sinais distintivos de classe e posição social.

A protuberância da barriga masculina em classes populares urbanas, por exemplo, pode ser lida como um indicativo de opulência financeira.

O estado de gravidez entre adolescentes também é distintivo entre classes populares, representando independência e a chegada à vida adulta, vista como um degrau superior na evolução da condição humana. O mesmo acontece com os cabelos grisalhos masculinos, que são, em grande medida, em diferentes classes sociais, vistos como sinal de experiência e maturidade intelectual, ao passo que os mesmos cabelos grisalhos, nas mulheres é, quase sempre, interpretado como desleixo, baixa auto-estima ou pouco cuidado consigo mesmas.

Em minha pesquisa, é perceptível que o cuidado com o corpo feminino, especialmente se o mesmo for feito com a frequência a uma academia de ginástica, denotando a preocupação com um acompanhamento profissional, também é um sinal de distinção social.

Os homens da classe média-alta também frequentam a academia. Seu trânsito, porém, é mais restrito às salas de musculação, já que um corpo distintivo, para eles, encontra ecos em um tórax e membros torneados, bem definidos e sem gordura que, aliás, nem sempre é bem visto por homens e mulheres de classes populares, para os quais os cuidados com o corpo masculino, tomados como excessivos, podem gerar suspeitas sobre sua masculinidade e sexualidade.

## O PATRIARCADO – UM CONCEITO HISTÓRICO

Autores como Saffioti (2009), Johnson (1997) e Lerner (1986) ressaltam a importância de se historicizar o conceito de patriarcado, sob pena de torná-lo neutro e a-político.

umas feministas propõem que o termo *patriarcado* seja substituído por *gênero*. As autoras e o autor supramencionados discordam veementemente, argumentando que, pelo fato de as relações de gênero existirem desde muito remotamente, datando das primeiras organizações entre homens e mulheres, e sendo passíveis de grandes generalizações, a palavra *gênero*, embora diga respeito a um conceito impregnado, sim, de ideologia – de ideologia patriarcal, os autores concordam entre si –, corre o risco de ser tomada como neutra, sendo naturalizada.

O *patriarcado*, por sua vez, diz respeito às relações de opressão-dominância<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Saffioti (2009) reitera o uso da expressão dominação-exploração, ou exploração-dominância, argumentando que ambas – dominação e exploração – são faces de um mesmo processo.

entre homens e mulheres, sendo historicamente posterior ao *gênero*, uma vez que alguns estudos apontam a existência anterior de sociedades em que homens e mulheres, apesar de diferentes entre si, não possuíam relações desiguais.

A preocupação com uma historicização do conceito de patriarcado, aliás, perpassa a obra dessas duas autoras e desse autor, com destaque especial a Lerner (1986), que utiliza, inclusive, evidências pré-históricas para comprovar que a subordinação da mulher não tem nada de natural, sendo, isto sim, uma construção histórica.

Sobre a abolição do conceito de *patriarcado* em detrimento ao de *gênero*, Saffioti (2009, p. 37) questiona a quem esta serviria, argumentando não pela eliminação do uso do conceito de gênero, mas sim por um uso mais crítico e cuidadoso:

[...] patriarcado ou ordem patriarcal de gênero, ao contrário, como vem explícito em seu nome, só se aplica a uma fase histórica, não tendo a pretensão da generalidade nem da neutralidade, e deixando, propositadamente explícito, o vetor da dominação-exploração. Perde-se em extensão, porém, se ganha em compreensão. Entra-se, assim, no reino da História.

Johnson (1997) define como uma sociedade patriarcal aquela que é dominada pelos homens, identificada com os homens e, além de tudo, ou por isso mesmo, machista. Patriarcalismo é, então, a dominação masculina em que as posições de autoridade – política, econômica, legal, religiosa, educacional, militar, doméstica – são geralmente reservadas aos homens.

A opressão-dominação das mulheres está no âmago do patriarcado. Esta opressão-dominação assume diversas formas. Na sua forma capitalista industrial, por exemplo, o trabalho doméstico não remunerado, realizado, na sua grande maioria, pelas mulheres, não é visto como trabalho real, e mesmo quando as mulheres trabalham fora, por exemplo, existe uma forte tendência de

que o trabalho realizado por elas seja menos valorizado do que quando realizado por homens.

Para Johnson (1997), o cerne da estrutura patriarcal está no *medo* e no *controle*. Paradoxalmente, este medo e este controle não recaem somente sobre as mulheres. Embora sejam elas as principais vítimas da dominação-exploração do patriarcado, os homens também vivem em constante tensão e pressão, controlando permanentemente os outros homens e sendo também permanentemente controlados por eles. Ainda segundo esse autor, estamos tão arraigados à estrutura patriarcal, que o controle e o medo podem, inclusive, passar despercebidos.

“As cobranças são bem maiores para as mulheres em todas as etapas da vida. Em geral, os homens são menos preocupados com fatores estéticos do que as mulheres. **Embora não tenha nenhum tipo de cobrança, acredito que os homens são mais críticos com as mulheres**” (grifo meu), diz outra de minhas informantes, também praticante de ginástica localizada. Parece que, mais uma vez, as diferenças entre homens e mulheres acabam sendo traduzidas em desigualdade: exige-se da mulher cuidado consigo mesma e com seu próprio corpo e aparência, o mesmo não acontecendo, ao menos não com tanta intensidade, em relação aos homens.

[...] Nesse sentido, as mulheres, assim como todos os outros sujeitos do patriarcado, são algo para os homens controlarem. [...] Isso significa que o lugar das mulheres é mais complicado do que parece, especialmente em relação à concorrência entre os homens. [...] Isso funciona de várias maneiras. Primeiro, os homens heterossexuais são encorajados a usar as mulheres como emblemas de sucesso, para proteger e reforçar a sua posição aos olhos de outros homens. As pessoas normalmente cumprimentam um homem casado com uma mulher bonita, por exemplo, não porque ele seja responsável por sua beleza, mas porque ele tem direitos de propriedade sobre ela. Usar as

mulheres como emblemas de sucesso é um excelente exemplo de como os homens podem competir e aliar-se uns aos outros, ao mesmo tempo. (JOHNSON, 1997, p. 34, tradução livre minha).

A importância em identificar o patriarcado como um conceito histórico, que se apresenta de acordo com o contexto, parece-me, de fato, inegável. Quando, em nossos dias, afirma-se que nossa sociedade é, sim, patriarcal, não é rara a tendência de algumas pessoas em minimizarem as consequências de se viver neste tipo de estrutura, ao compararem nossa sociedade contemporânea a de nossos antepassados. Obviamente a sociedade não é estática; algumas mudanças sociais são quase que cotidianas. Entretanto, desconhecer que, ainda hoje, vivemos em uma sociedade dominada, centrada ou, ao menos, identificada na figura masculina, retornando a Johnson (1997), parece-me, de certa forma, ingênuo. Nas palavras de Saffioti (2001, p. 115):

A uniformização do real sempre constituiu a meta dos que atribuem/atribuíam relevância exclusiva a determinações gerais ou comuns. Ao contrário, as determinações específicas ou históricas sempre foram a preocupação primordial dos que têm/tinham como meta a captação de uma realidade permanentemente *in flux*, em transformação.

Reconhecer o patriarcado em seu movimento histórico, como um construto social passível de transformações, é, sobretudo, tirar de si o peso do essencialismo estrutural. Dessa forma, ou seja, a partir deste reconhecimento e das discussões e problematizações daí advindas, poderemos superá-lo, não apenas como conceito, mas, o mais importante, como estrutura.

## GÊNERO, CLASSE E DISTINÇÃO SOCIAL

Gênero, enquanto conceito relacional, não pode ser estudado sem a intersecção de outras categorias, tais como classe, geração e etnia. Segundo Britto da Motta (1999, p. 193), todas estas dimensões se realizam historicamente no cotidiano, sendo, todas elas, categorias relacionais que “expressam diferenças, oposições, conflitos e/ou alianças e hierarquias provisórias”, remetendo, portanto, a relações de poder. A autora explica que, nos estudos anteriores, a análise pautada nas relações de poder dava-se somente a partir da categoria *classe*. Esta categoria, entretanto, era desprovida de gênero, etnia ou geração, ou seja, destituída de “carne e osso”.

Saffioti (1992, p. 192) também manifesta a necessidade da articulação *gênero e classe social*, alertando para a importância de se estar sempre atento “para poder detectar a presença das diferenças-semelhanças de gênero nas relações de produção, assim como as diferenças-semelhanças de classe nas relações de gênero”. Nesse sentido, a autora concebe uma simbiose entre patriarcado, racismo e capitalismo, citando Armstrong (1983 apud SAFFIOTI, 1992, p. 195): “As mulheres são simultaneamente sujeitas ao capitalismo, à dominância e a seus corpos. [...] Patriarcado e capitalismo não são sistemas autônomos, nem mesmo interconectados, mas o mesmo sistema”.

Como uma alternativa à dimensão político-econômica na análise de classe, encontramos a análise bourdiana, cuja referência se dá sobre as “vivências, experiências e práticas socializadoras” (BRITTO DA MOTTA, 1999, p. 195), sendo expressa pelos conceitos de *habitus*<sup>8</sup> e de *distinção so-*

<sup>8</sup> Nas palavras de Bourdieu (1987, p. 40), *habitus* seriam “sistemas de posições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’, sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro”.

*cial*, este último fundamentado na ideia de que as representações do mundo social que o indivíduo – ou o grupo – tem de si mesmo e dos outros se traduzem através dos gostos e dos estilos de vida. Dessa forma, Bourdieu (2008) retira os fatores econômicos do centro da análise, passando a considerar com cuidado as práticas de consumo cultural dentro de uma estrutura relacional – o *habitus*. As estruturas de poder, próprias das relações de classe, permanecem na análise de Bourdieu. Entretanto, tais estruturas não dizem respeito apenas ao poder econômico, englobando também o poder cultural. Nesse sentido, Bourdieu (2008) identifica duas outras maneiras, além da cultura, pelas quais a classe dominante pode se distinguir das demais: alimentação e despesas com apresentação de si, que são inversamente proporcionais: enquanto a classe dominante investe maciçamente com despesas para sua apresentação (vestuário, cuidados com beleza e higiene) e com seu capital cultural, as classes menos favorecidas financeiramente investem boa parte de seu orçamento – maior ou menor, de acordo com seu poder aquisitivo – em alimentação.

O próprio Bourdieu (2008) estabelece uma relação direta entre os conceitos de *habitus* e distinção social e a questão de gênero. Especialmente curiosa é a análise que realiza, através da seleção de alguns textos publicitários das décadas de 1960 e 1970, das profissões cujo objetivo primordial seria a garantia do rendimento máximo de capital cultural, traduzido por boas maneiras, bom gosto e beleza física, destinadas, prioritariamente, às mulheres.

O fato de que algumas mulheres tirem um proveito profissional de seu *encanto*, o fato de que a beleza receba, assim, um valor no mercado de trabalho contribuiu, sem dúvida, para determinar, além de numerosas mudanças de normas relacionadas com o vestuário, a cosmética, etc., todo um conjunto de transformações éticas e, ao mesmo tempo, uma redefinição

da imagem legítima da feminilidade: as revistas femininas e todas as instâncias legítimas em matéria de definições legítimas da imagem e do uso do corpo difundem a imagem da mulher encarnada por essas profissionais do encanto burocrático, racionalmente selecionadas e formadas, segundo uma carreira rigorosamente programada – com suas escolas especializadas, seus concursos de beleza, etc. –, tendo em vista desempenhar, segundo as normas burocráticas, as funções femininas mais tradicionais. (BOURDIEU, 2008, p. 145).

Butler (1987) também observa que as escolhas sobre os usos, as vivências e as aparências do corpo, quer ele seja masculino, quer feminino, implicam em um mundo de estilos corporais já estabelecidos histórica, social e culturalmente. A imagem da feminilidade e da masculinidade, por exemplo, são construções que implicam tempos e espaços (sociais e culturais) determinados historicamente.

A questão do corpo feminino, neste contexto, é bastante pertinente. Bourdieu (2008) observa que a cultura corporal também simboliza uma distinção social, distinção esta também generificada, já que as mulheres buscam no culto ao corpo a expressão da feminilidade. As próprias práticas esportivas, dessa forma, variam de acordo com o gênero e as classes sociais. A escolha por práticas esportivas em academias de ginástica, por exemplo, consideradas um esporte ascético por se reduzirem a uma “espécie de treino pelo treino”, segundo Bourdieu (2008, p. 201), e, por isso mesmo, essencialmente feminino, sem se constituir num desporto, propriamente dito, onde há disputas e competições, típicas da representação da masculinidade, reflete o gosto da classe média, que se distingue da classe baixa, cuja preferência se dá por esportes coletivos, competitivos e tipicamente associados aos homens, seu público – consumidor e praticante – por excelência.

O interesse que as diferentes classes atribuem à apresentação de si, a atenção que lhe prestam e a consciência que têm dos ganhos que ela traz, assim como os investimentos de tempo, esforços, privações, cuidados que elas lhe dedicam, realmente, são proporcionais às oportunidades de lucros materiais ou simbólicos que, de uma forma razoável, podem esperar como retorno; e, mais precisamente, eles dependem, por um lado, da existência de um mercado de trabalho em que as propriedades cosméticas possam receber valor (em graus variáveis, segundo a natureza do ofício) no próprio exercício da profissão ou nas relações profissionais e, por outro, das oportunidades diferenciais de acesso a este mercado, e aos setores deste mercado, em que a valorização profissional recebe sua maior contribuição da beleza e de uma conduta digna. (BOURDIEU, 2008, p. 194).

Dessa forma, o corpo, especialmente o feminino – e especialmente o da classe média –, é visto como um capital, tanto para o mercado de trabalho, propriamente dito, como para o mercado matrimonial, sexual e/ou sentimental. Às mulheres da burguesia, nos diz Bourdieu (2008), é negado o direito ao envelhecimento, marca irrefutável de desvalorização deste capital.

## ENTRE OS FANTASMAS E OS ALÍVIOS DA MENOPAUSA

Aproximar-se da menopausa significa o começo do fim? Ou, se levarmos em conta a máxima de que “a vida começa aos quarenta”, o início do começo? A resposta está longe de ser simples.

Vista como patologia no século XIX para, já no século seguinte, ser considerada “a bonança na vida da mulher” (MARTIN, 2006, p. 78), a menopausa, ainda hoje, é capaz de provocar opiniões diversas, quer no discurso médico, quer no senso-comum. Várias metáforas têm sido utilizadas pelo discurso médico-científico em todos os tem-

pos para explicar os fenômenos fisiológicos, tais como comparar o corpo e o funcionamento de seus órgãos ao sistema de tratamento de dejetos e segurança de uma cidade, ou a uma fábrica, ou, ainda, a um sistema de transmissão de informações com uma hierarquia bem definida – o cérebro sempre no comando (MARTIN, 2006).

Em relação à menopausa, especificamente, as metáforas estão quase sempre associadas a palavras de conotação negativa, como *regressão*, *declínio*, *decréscimo*, *falha*.

Nas mulheres entrevistadas, pôde-se observar que a menopausa é vista com um misto de alívio pelo fim dos desconfortos e transtornos causados pela menstruação e, ao mesmo tempo, de decepção pelo fato de representar o início de um ciclo de decadência.

Durante a prática da atividade física na academia, por exemplo, quando uma das mulheres está menstruada, é visível seu desconforto: preocupação em tornar o absorvente invisível aos olhos das demais ou com possibilidade de ele ser deslocado durante a atividade, perdendo, assim, sua função protetora.

O retorno da compreensão e da vivência da menstruação, enquanto ciclo mensal natural e necessário, perdidas num mundo linear, cujos valores patriarcais se sobrepujam sobre os demais, aliás, é defendido por alguns autores, como Von Koss (2004, p. 14):

O que caracteriza o sangrar da mulher é sua ciclicidade. Um conjunto de eventos fisiológicos que iniciam e terminam em um mesmo acontecimento: o fluxo sanguíneo, a menstruação retorna regularmente, como as estações. Nessa sua regularidade, ela está associada com o primeiro contar do tempo, seja o tempo da coleta e da caça, seja o tempo da semeadura e da colheita, seja o tempo da procriação e da gestação. E assim como o tempo, está também intimamente conectada



com a lua, a cujo movimento cíclico respondem os oceanos, o ritmo cardíaco e o próprio pulsar da vida, em seu movimento de expansão e contração.

Nesse contexto, a vida das mulheres poderia ser dividida em três fases distintas, determinantes e demarcadoras da condição feminina: a menarca, na adolescência; a fertilidade plena, na vida adulta; e a menopausa, na maturidade. Cada uma dessas três fases traria consigo sua própria riqueza e relevância no mundo feminino, iniciado a partir da primeira menstruação – a menarca – tendo continuidade com a plenitude fecunda da mulher adulta e sendo encerrada com a menopausa, período onde reinaria a sabedoria da experiência.

Se na sociedade patriarcal a sensualidade juvenil é o objeto de desejo por excelência e a fecundidade madura uma necessidade, a sabedoria da velhice foi totalmente descartada. As anciãs, honradas e veneradas por nossos ancestrais, foram transformadas em bruxas e queimadas em fogueiras, desqualificadas enquanto membros do grupo humano ou, na melhor das hipóteses, simplesmente esquecidas. Todos perdemos com isso. (VON KOSS, 2004: 10).

Essa argumentação parece-me bastante interessante. Entretanto, há que se atentar para os riscos de uma interpretação que ultrapasse o reconhecimento dos seres humanos como seres também biológicos, e a importância da natureza no processo sociocultural, levando-nos à crença de uma “natureza feminina” imutável, o que, inclusive, poderia justificar atos e comportamentos de violência e dominação.

A idéia de ‘natureza feminina’ baseia-se em fatos biológicos que ocorrem no corpo da mulher – a capacidade de gestar, de parir e amamentar, assim como também a menstruação. Na medida em que essa determinação biológica parece justificar plenamente as questões sociais que en-

volvem esse corpo, ela passa a ser dominante, como explicação legítima e única para aqueles fenômenos. Daí decorrem idéias sobre a maternidade, instinto maternal e divisão sexual do trabalho como atributos ‘naturais’ e ‘essenciais’ à divisão de gêneros na sociedade. [...] (VIEIRA, 2002, p. 31-32)

Para as mulheres pesquisadas, a menopausa, em si, não é vista como patológica. Seus sintomas, entretanto, sim. “*Não é um calor normal! Parece um fogo que vem de dentro pra fora! Dá vontade de se atirar numa piscina!*” diz uma colaboradora de 55 anos, professora da rede pública de ensino fundamental, mãe de uma filha de 21 anos e de um filho de 27.

O mal-estar causado pelos calorões típicos dessa fase e por outros sintomas é, na grande maioria das vezes, tratado com reposição hormonal, feita sob a prescrição de um médico ginecologista, ou, ainda, com acompanhamento psicológico. A própria atividade física é vista, aqui, como um remédio ou terapia para aplacar tais sintomas.

Outra colaboradora, 56 anos, dona de casa, mãe de três filhos (23, 34 e 36 anos) e avó de dois netos (11 e 13 anos) manifesta a seguinte opinião:

*De uns tempos pra cá, as pessoas tão tendo mais consciência corporal e as mulheres que estão entrando na menopausa tão sentindo a necessidade de quer, o caminho é esse, não tem outro, pra tu ter uma saúde física e mental boa. Envelhecer bem.*

“*Tenho muito medo [da menopausa]. E faço atividade física também pensando nisso*”, confessa-me outra colaboradora, 41 anos, dona de casa, mãe de um menino de 04 anos.

Outra participante da pesquisa, 44 anos, mãe de uma menina de 23 anos, relata:

[...] *Nós piramos com a menopausa, câncer de mama, que começa a ser mais... Aparece mais depois da menopausa, os hormônios, a falta de vontade de fazer sexo, que isso modifica, sim, com a menopausa. Quem diz que não é, mente. Ou então não tão sendo totalmente sinceras, né?*

Assim, apesar da liberdade que o fim da menstruação possa representar, a menopausa, em si, marca o início de uma série de preocupações das mulheres com a sua saúde, além do fim do seu período fértil.

Perrot (2008, p. 48), reconstituindo a história das mulheres, lembra o quanto a menopausa, com o fim da fertilidade, representava uma perda irreparável às mulheres do século XIX:

A vida de mulher dura pouco: a menopausa, tão secreta quanto a puberdade, marca o final da vida fértil, e, por conseguinte, o término da feminilidade segundo as concepções do século XIX: ‘eu que não sou mais uma mulher’, diz George Sand. Não ver mais seu sangue, é sair do campo da maternidade, da sexualidade e da sedução.

Em outro texto, a própria Perrot (2005, p. 16) observa que, historicamente, no climatério, a mulher já não é mais vista como mulher, e sim como “uma velha, eventualmente dotada de mais poderes e liberdades, porém privada de fecundidade e, em consequência, de sedução”.

Ainda que a grande maioria das mulheres de *meia-idade* pesquisadas já possuam filhos, o fato de que seus companheiros ainda sejam férteis pode representar, ainda em nossos dias, já no século XXI, insegurança para algumas mulheres.

Um dos maiores medos observados nas mulheres de *meia-idade* é o de serem

trocadas por mulheres mais jovens. Estas, além de simbolizarem o novo e representarem o padrão de beleza que as próprias mulheres de meia-idade almejam, simbolizam o frescor e a vitalidade da fertilidade.

Além disso, há o argumento de que os homens, na maturidade, procuram relacionar-se afetiva e sexualmente com mulheres mais jovens como uma forma de afirmarem-se enquanto homens sexualmente ativos.

Assim, a meia-idade feminina pode ser considerada uma fase marcada por mudanças físicas, psicológicas e sociais que podem desencadear diversas rupturas na vida das mulheres. Embora se saiba que os processos culturais e sociais sejam, em verdade, os deflagradores de tais rupturas, estas normalmente são naturalizadas e, de certa forma, normatizadas e hegemônicas, e lidas como crises. Daí a “crise da *meia-idade*”.

## CORPO, GÊNERO E ENVELHECIMENTO: HERANÇA DO PATRIARCADO? – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres que figuram em minha pesquisa são, todas elas, oriundas de camadas médias. Vivem sob a égide de uma sociedade patriarcal/capitalista que estabelece como exigência para que permaneçam “competitivas” nesse “mercado” o cuidado permanente com seus corpos e a busca constante por uma aparência o mais aproximada possível à da juventude. Esta análise por si só, embora não possa ser considerada de todo equivocada, parece-me simplista demais para explicar a complexidade humana e, por conseguinte, social.

Embora tende a concordar, ao menos em parte,<sup>9</sup> que vivemos em uma estrutura patriarcal ainda em nossos dias, refor-

<sup>9</sup> Meu receio se dá ao peso e essencialismo que a palavra *estrutura* possa vir a assumir, sendo entendida como algo não construído e, como tal, não passível de desconstrução e transformação, denotando, assim, certo conformismo, não obstante os esforços de autores, como Saffioti, em tentar, através da contextualização histórica, como já visto, problematizar, desmistificar e desnaturalizar esta estrutura.

çada pelo capitalismo, reconheço o papel das mulheres como sujeitos de sua própria história e, como tal, da história da humanidade. A vitimização das mulheres está longe, no meu entendimento, de ser a melhor forma de mudar esta situação, transformando nossa sociedade dita patriarcal em uma sociedade igualitária, ainda que este igualitarismo seja pautado nas diferenças. Voltando um pouco à minha pesquisa, é visível, nas falas das mulheres, o quanto o cuidado com seus corpos e o “drible” no envelhecimento são também percebidos como certo empoderamento por parte delas. É claro que este empoderamento pode – e deve – ser problematizado por mim, enquanto pesquisadora. E é o que venho tentando fazer no decorrer de minhas investigações. Jamais, porém, pode ser menosprezado ou ignorado.

Embora muitas vezes criticado, não sem certa razão, pelas feministas mais radicais – sendo também crítico às suas posturas – Lipovetsky (2000) sintetiza, de certa forma, ainda que não totalmente, como pode ser percebido a seguir, meu pensamento no que diz respeito às relações estabelecidas pelas mulheres – especialmente às que chegaram à maturidade e vivenciam de perto, com as mudanças corporais, o processo de envelhecimento – com seus corpos:

O fato de as mulheres se mostrarem ávidas pelos novos produtos de beleza não traduz nem um infantilismo nem um hipnotismo de massa, mas uma vontade mais ou menos insistente de ser protagonista com relação ao próprio corpo. [...] O que se manifesta através das práticas femininas da beleza ilustra, no fundo, o triunfo da razão prometéica, o impulso da cultura da eficácia e do controle técnico, característico dos modernos. [...] O ideal moderno do governo de si e de plena posse da coletividade sobre si própria se propagou para a relação com o corpo. De acordo com os valores individualistas-meritocráticos, o corpo tende a tornar-se um objeto que se merece por um traba-

lho constante de si sobre si. Assim, os desejos de conformidade estética que se desenvolvem estão apenas aparentemente em contradição com o impulso da cultura individualista. Pois quanto mais se reforçam os imperativos do corpo firme, magro e jovem, mais se afirma a exigência de domínio soberano sobre suas próprias formas; quanto mais se impõe o poder diretor das normas estéticas, mais as mulheres se empenham em responsabilizar-se por si mesmas, em vigiar-se, em tornar-se protagonistas de si próprias; quanto mais se intensificam as prescrições sociais da beleza, mais o corpo depende de uma lógica de *self management* e de responsabilidade individual. (LIPOVETSKY, 2000, p. 141-144).

Obviamente, Lipovetsky (2000) parece desconhecer as desigualdades sociais e as diversidades culturais, parecendo referir-se a **uma** mulher, no singular, o que, por si só, impede que eu sequer pense em transformar em minhas as suas palavras. Atribuir às mulheres, individualmente, a responsabilidade pelo cuidado de si e pelo envelhecimento, como se este fosse uma espécie de “relaxamento” consigo mesmas, parece-me também, na mesma medida que as assujeitar totalmente, simplista e descabível. O que chama a minha atenção em sua fala, porém, diz respeito ao reconhecimento do protagonismo das mulheres, o que se reflete nos discursos das próprias mulheres pesquisadas.

Não há uma resposta certa a ser marcada; não há um único gabarito quando as questões dizem respeito à complexidade humana.

Parece evidente que vivemos em uma estrutura patriarcal/capitalista em que as mulheres sofrem pela opressão-exploração a que suas vidas e seus corpos são submetidos. Viver prisioneira de um padrão corporal inalcançável – quer pela inevitabilidade do envelhecimento, quer pelo tipo físico próprio, diferente do padrão admitido e reconhecido social e cultural-

mente como belo, só pode ser frustrante e, de certa forma, degradante. Viver assustada com o fantasma da velhice, também. Entretanto, não posso reduzir a relação das mulheres com seus corpos a esta análise.

Meus contatos são iniciais. No entanto, creio que posso considerar que as mulheres de minha pesquisa não parecem, em momento algum, sentirem-se indignas ou degradadas pelo cuidado que destinam a seus corpos, ao contrário, o cuidado do corpo lhes confere o acesso a um capital simbólico da conquista da saúde e da boa forma através de um processo de embelezamento corporal, consequente do fortalecimento muscular e da aquisição de um modo de vida mais saudável. A prática do exercício e do movimento que lhes garante estar fora do grupo mais excluído e estigmatizado de todos: os sedentários. Seus cuidados se refletem muito mais com uma preocupação estética do que com a saúde, embora este argumento – o cuidado com a saúde – esteja bastante frequente em suas falas. Entretanto, suas vidas não se resumem a uma obsessão por um corpo perfeito e uma aparência jovem, o que seria, muito provavelmente, patológico. Na esfera profissional e em outras esferas sociais, ocupam espaços outrora impensáveis às mulheres, buscando uma igualdade cada vez maior com os homens.

Nossa sociedade delimita, ainda, os papéis e os comportamentos destinados a homens e mulheres, a jovens e velhos, a pobres e ricos, a negros e brancos.

Ser feminina ou ter feminilidade, muito mais do que um atributo relacionado à sexualidade, ela própria um construto social, diz respeito a uma construção social pautada na juventude e em um ideal de beleza.

Dessa forma, entendo que as categorias *corpo*, *gênero* e *envelhecimento* não podem ser consideradas meras *heranças* do patriarcado, uma vez que são construções que refletem uma estrutura patriarcal ainda

muito forte que, embora – por sua própria constituição histórica – tenha sofrido algumas transformações, sendo passível de outras mais e cada vez mais profundas, persiste, lamentavelmente, ainda em nossos dias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. Gosto de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. p. 82-121.

\_\_\_\_\_. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRITTO DA MOTTA, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, n. 13, Campinas, 1999. p. 191-221.

BUTLER, Judith. Variações de sexo e gênero. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla (Ed.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987. p. 139-154.

GOLDENBERG, Mirian. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

HELMAN, Cecil. **Cultura, saúde e doença**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

JOHNSON, Allan G. **The gender knot: unravelling our patriarchal legacy**. Philadelphia: Temple University Press, 1997.

LERNER, Gerda. **The creation of patriarchy**. New York; Oxford: Oxford University Press, 1986.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

\_\_\_\_\_. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. **Ontogênese e filogênese do gênero: reflexões derivadas da pesquisa, co-financiada pela FAPESP, Violência doméstica: questão de polícia e da sociedade**. s/d. Disponível em: < >. Acesso em: 20 jul. 2010.

\_\_\_\_\_. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-215.

\_\_\_\_\_. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 16, 2001. p. 115-136.

\_\_\_\_\_. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. Série Estudos e Ensaaios/Ciências Sociais – **Revista FLACSO-Brasil**, jun. 2009. p. 01-44.

VICTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, M. N. A. **Pesquisa qualitativa em saúde**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

VON KOSS, Monika. **Rubra força: fluxos do poder feminino**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.